

Zélia faz críticas aos credores

A ministra Zélia Cardoso de Mello, da Economia, proferiu, no domingo, o seguinte discurso perante o Comitê Interino do FMI/Banco Mundial:

"A iniciativa Brady constitui um passo conceitual positivo na evolução da estratégia da dívida. No entanto, a estratégia ainda é muito limitada e tem evoluído de forma muito vagarosa.

É hora de mudar essa situação.

Provavelmente a limitação mais séria à atual estratégia reside no fato de que ela ainda é muito dependente dos interesses dos bancos comerciais. Uma estratégia mais reforçada exige um envolvimento mais positivo dos governos dos bancos credores.

Os governos, que têm a perspectiva do longo prazo aos interesses nacionais políticos e econômicos, não têm respondido à altura quando confrontados com os interesses de curto prazo de alguns segmentos da comunidade bancária. Eis aí, possivelmente, uma das razões por que, até agora, o processo negociador tem consumido tanto tempo e produzido tão poucos resultados.

É de se esperar que também os bancos encarem o panorama da dívida numa perspectiva de longo prazo, uma vez que eles têm a ganhar com o restabelecimento de relações normais com as economias em crescimento e cada vez mais estáveis.

Sou de um país que está realizando um ajuste econômico sem precedentes, maior do que os da Alemanha e da Áustria em meados dos anos 20, ou da Hungria e da Itália em 1947. Esse esforço enorme já produziu resultados muito significativos.

Há mais de duas semanas assinamos uma Carta de Intenção com o FMI. Agora estamos iniciando consultas com o Clu-

be de Paris. Começaremos a negociar com os bancos comerciais na primeira metade de outubro. Com espírito de flexibilidade e cooperação queremos concluir acordos duradouros o mais rápido possível. Temos confiança em que os bancos estão conscientes de que não nos importamos se os governos convocassem não apenas os países devedores, mas também os bancos credores a cumprir a sua parte na solução do problema da dívida.

*Brasil só faz
novo acordo se
for possível
cumprir metas*

Os acordos com bancos comerciais devem ser compatíveis com nossos planos de ajustamento doméstico nas áreas fiscal e financeira. A comunidade financeira internacional não pode exigir que o serviço da dívida exceda a capacidade de pagamento do devedor.

Seremos inflexíveis sobre um ponto: só concluiremos acordos com os bancos comerciais se tivermos certeza de que poderemos cumprilos. Permita-me reiterar aqui que não vamos repetir experiências passadas, quando assumimos compromissos que logo se mostravam irrealistas ou contraproducentes em termos da estabilidade interna do País. Estamos convencidos de que este é o único caminho para restaurar, numa base duradoura, uma associação construtiva com a comunidade financeira internacional.

Outra limitação importante da atual estratégia é que a iniciativa de redução da dívida

tem-se limitado basicamente, até agora, às dívidas dos bancos comerciais. Gostaria de enfatizar a importância conceitual da ideia do perdão que se contém na Iniciativa para as Américas, lançada pelo presidente Bush. Tal iniciativa, apesar de suas limitações, deve prover a base para um tratamento mais amplo da matéria, que englobe os débitos oficiais para com outros países credores. O Clube de Paris já deu mostras de alguma flexibilidade, mas ainda é necessário um enfoque bem mais ousado. As iniciativas de redução da dívida oficial podem, seguramente, ser melhoradas, e devem ser estendidas aos países de renda média a média inferior com grande volume de dívidas oficiais.

Requer-se maior grau de envolvimento de ambas as instituições na formulação precisa de estimativas de necessidades de longo prazo para facilitar a saída da crise da dívida. Essas instituições teriam, assim, um papel de mais utilidade do que o de meros auditores das políticas domésticas dos países endividados. O Fundo, sob o comando de seu diretor-executivo, sr. Michel Camdessus, tem

comunidade financeira internacional.

Gostaria, ademais, de aduzir que enfrentamos hoje um ambiente internacional que, em muitos sentidos, é ainda mais adverso do que no passado.

Outro motivo de preocupação é a lentidão que se observa na Rodada Uruguai de negociações, que objetiva criar melhores condições para a expansão do comércio internacional e da economia mundial. Os resultados até agora têm sido desanimadores, sobretudo do ponto de vista dos países em desenvolvimento. Um sistema comercial mais aberto, principalmente para os produtos agrícolas, têxteis e de vestuário, é fundamental. De fato, os ganhos sociais devidos à intensificação do comércio internacional podem ser estendidos a ambas as economias, desenvolvidas e em desenvolvimento.

Meu país quer participar de uma verdadeira estratégia internacional, uma estratégia que marque os anos 90 como a década na qual uma economia mundial mais integrada corrija os desequilíbrios ocorridos nos anos 80.

Sejamos audaciosos, permitindo inovações e flexibilidade maiores na participação das instituições financeiras internacionais na estratégia da dívida, incluindo, no caso da América Latina, o BID.

Em resumo, minha opção seria por uma solução permanente que beneficiasse a todos. Não apenas para maior espaço de manobra para sobreviver por mais algum tempo. Já caminhamos muito, tentando receitas diferentes e diversas formas de negociação. Temos coragem e determinação para conceber uma solução definitiva para o problema da dívida externa. Vamos redirecionar nossos esforços de negociação para verdadeiras áreas de cooperação, para aprimoramentos tecnológicos, investimento, comércio e expansão econômica."

*Preocupação com
o ritmo lento
de negociação da
Rodada Uruguai*

sido sensível a esse enfoque que, no entanto, devia ser adotado de forma mais decisiva. O Fundo e o Banco deveriam considerar de maneira séria os problemas dos países que vêm honrando o serviço da dívida sem o correspondente apoio da